
LITERATURA JUVENIL, COMPARATIVISMO E CULTURA*

José Nicolau Gregorin Filho**



Resumo: *este texto pretende refletir a adolescência como concepção cultural e produto de uma sociedade capitalista, bem como a literatura produzida para esse público e sua inserção na escola. Desse modo, pretende-se discutir a tradução de obras classificadas como literatura para jovens e sua contribuição para os intercâmbios culturais entre sociedades diversas em valores e modos de representar seu imaginário.*

Palavras-chave: *Literatura juvenil. Adolescência. Comparativismo. Cultura.*

Este texto visa a refletir sobre as obras classificadas como literatura juvenil, sejam elas nacionais ou traduções, bem como sua inserção no mercado editorial brasileiro. Procura-se discutir a contribuição desse tipo de texto para trocas culturais entre sociedades algumas vezes tão diversas em seus valores e modos de representar o imaginário e que a maiorias das práticas pedagógicas são incluídas sob o rótulo de literatura e passam a ser observadas sob um enfoque tradicional do ensino de literatura. Busca-se, desse modo, o comparativismo e alguns aspectos dos estudos culturais para observar um fenômeno típico do que se convencionou chamar de globalização.

De início, há necessidade de algumas ponderações sobre aspectos da literatura juvenil e sua relação com as práticas pedagógicas, seus conceitos e com a tradução. Primeiro, é importante que se delimite essa modalidade de textos voltados a um público específico: o jovem. Além disso, há necessidade de pensar a adolescência como concepção e, desse modo, como termo variável em razão da cultura, ou mesmo no bojo de realidades socioeconômicas diversas.

* Recebido em: 13.03.2017. Aprovado em: 20.08.2017.

** Doutor em Letras pela UNESP/Araraquara. Docente na Área de Literatura Infantil e Juvenil do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP. E-mail: jngf@usp.br.

ADOLESCÊNCIA, LITERATURA E PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA

O termo adolescência pode ser considerado uma concepção, ou seja, produzido histórica e culturalmente e mutável conforme a época ou a sociedade que o utiliza. O filme *Juventude transviada (Rebel Without a Cause, 1955)*, dirigido por Nikolas Ray, pode ser considerado como o marco inaugural da disseminação de um tipo de comportamento jovem que a sociedade classifica nos dias de hoje como sendo característico do adolescente. Evidente que a fase da juventude havia sido tema de outras obras de arte e ocupado a percepção da sociedade em outros momentos, tais como o romantismo; mas em nenhuma dessas ocasiões essas características foram propagadas com tamanha intensidade traços como a rebeldia e a contestação de valores estabelecidos.

Segundo Calligaris (2010, p. 73), “a adolescência foi inventada e se vingou nos Estados Unidos [...] ela é originalmente americana”, desse modo, pode ser compreendida como um produto da sociedade de consumo e vem se tornando um importante nicho de mercado, já que demanda de produtos para atender e manter a essa suposta fase do amadurecimento humano. Não se discute a puberdade e as transformaes físicas e psicológicas ocorridas nessa fase, mas há necessidade de entender que a cultura da adolescência não existe em algumas sociedades mais tradicionais, como as indígenas brasileiras.

Se a adolescência é um produto dessa sociedade sedenta de novidades e de consumo cada vez mais desenfreado, como a escola tem se comportado para dialogar com os jovens que buscam se afirmar nessa mesma sociedade em que o parecer exerce um poder desmesurado?

Nesta discussão, é importante a delimitação em razão de se constatar que a adjetivação juvenil para o termo “literatura” tem sido motivo de muitos debates no meio acadmico, debates esses que provocam ressonâncias em várias esferas do ambiente escolar. Por isso, aqui, será adotada a seguinte concepção de literatura proposta por Melo e Souza (2004, p. 174), num texto em que coloca a literatura como um dos direitos humanos fundamentais:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Nessa passagem, nota-se um tipo de abordagem nem sempre contemplada nas propostas de ensino e aprendizagem de literatura na escola, importante espaço para a divulgação da modalidade de literatura aqui discutida. Nesse sentido, a própria instituição escolar, responsável pelo aspecto formal da educação - e aqui pode ser incluído o ensino de literatura - construiu-se como depositária de uma tradição cujo objetivo é a reprodução de padrões hegemônicos, basicamente europeus, já canonizados.

Para continuar a reflexão sobre a literatura, produzida especificamente para os jovens, é importante citar a seguinte postura de Todorov (2009, p. 22): “A literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes”. A escolha das obras

literárias para a adolescência, dessa maneira, deve ter como parâmetro uma “cartografia” das representações estéticas daquele universo cultural em que o jovem é protagonista e, por outro lado, quem oferece tal texto deve optar por um elenco de obras em que subjazem os saberes essenciais desse universo social e cultural, entendendo que esse universo mostra-se cada vez mais diverso e múltiplo e que se (re)fazem no e pelo fazer estético, num movimento dialógico constante.

Nesse ponto, a literatura se tornou um importante fator de concretização da cultura, ou seja, o leitor, por meio da experiência da leitura literária é capaz de acessar universos culturais próximos às suas vivências imediatas, ao mesmo tempo em que pode tomar contato com outras formas de viver a experiência humana e mesmo questionar os valores sob os quais se encontram embasadas as manifestações da sua própria cultura.

Esse fenômeno não ocorre apenas na atualidade, já que a literatura para os jovens no Brasil teve seu início marcado pela tradução e pela adaptação de obras da literatura mundial e, como exemplo, podem ser citadas obras como “As viagens de Gulliver” ou mesmo a chamada “literatura cor de rosa”, que era amplamente difundida entre as meninas e teve na Condessa de Ségur sua forma mais explícita. Nessa época inaugural de textos literários pensados na e para a escola, autores como Olavo Bilac, Carlos Jansen e Monteiro Lobato tiveram um papel de destaque.

Nesse ponto, é importante lembrar o pensamento de Antonio Cândido, no sentido de entender a literatura como direito do indivíduo, não apenas obedecendo a leis educacionais e propostas pedagógicas governamentais, deve exigir um planejamento de ensino em que se mostram claramente quais são os saberes essenciais para a vida do aluno num universo social que se apresenta cada vez mais diverso e múltiplo.

Assim sendo, a literatura voltada para o público juvenil, promovendo o conhecimento do indivíduo envolvido na sua frágil condição humana, instaura diálogos com outras artes e formas de produção do conhecimento, pois a literatura é constantemente construída pelas relações dialógicas que mantém com variados discursos e saberes, no amálgama cultural das sociedades contemporâneas e, sendo assim, materializada na especificidade de cada língua.

Para que se adote essa postura, é de suma importância a valorização das relações existentes entre literatura, história e cultura, visto que nenhum texto, principalmente o literário, surge de uma solidão original, pelo contrário, ele é parte de um diálogo maior, promovido nos mais diferentes conflitos da vida social.

Além disso, deve-se compreender a atividade da leitura como um diálogo entre leitor e texto em contextos diferentes e entender a produção textual, principalmente a literária, como um ato interdiscursivo e intertextual e, portanto, não dissociado da vivência cotidiana dos jovens. No caso da literatura juvenil, deve-se perceber que as experiências transmitidas no e pelo texto literário partem de um adulto que, no seu processo criativo, dialoga com um universo exterior ao seu: o universo que se criou para a adolescência.

Entendida desse modo, a literatura configura-se como um importante meio para a compreensão de relações culturais e de conflitos sociais que, por este ou aquele motivo, foram apagados de textos responsáveis pelo arquivamento do saber histórico, sociológico ou antropológico. Daí a necessidade de repensar constantemente as obras consideradas canônicas, principalmente no âmbito da produção literária para os jovens.

Conforme Silva (2010, p. 243-5):

Na representao cartográfica proposta pelas teorias sistmicas da cultura, os autores e os textos que ocupam o centro detm a preeminência do valor e exercem por isso mesmo a autoridade inerente a esse valor; ao passo que os autores e os textos periféricos, marginais ou ex-cêntricos, ficam reduzidos a um estatuto de subalternidade – o que não significa que estes autores e textos menores não tenham relevância sistmica, histórica e sociológica (a história da literatura e a sociologia da literatura dedicam justamente, embora muitas vezes de modo avulso e heteróclito, a merecida ateno a tais autores e textos).

Deve-se, então, pensar na esttica desses textos que circulam na periferia que se configura a adolescência na nossa sociedade. Aqui entende-se esttica como modelos de representao artística tomada como padrão para um grupo cultural específico. A periferia citada anteriormente, não deve ser entendida apenas como espaço geográfico mais afastado do centro de um determinado centro, mas principalmente o espaço social limítrofe de grupos culturais inscritos numa mesma sociedade ou território, tomando um deles como centro.

Assim, o espaço periférico do jovem pode se localizar numa região central ou mesmo valorizada de uma cidade, pois a característica periférica desses indivíduos se constro em relao ao status quo, pela sua atuao marginal; ou seja, protagonismos que se rebelam contra práticas aceitas culturalmente como padrões, já que:

O conceito de entre-lugar torna-se particularmente fecundo para reconfigurar os limites difusos entre o centro e a periferia, cópia e simulacro, autoria e processos de textualizao, literatura e uma multiplicidade de vertentes culturais que circulam na contemporaneidade e ultrapassam fronteiras, fazendo do mundo uma formao de entre-lugares (HANCIAU apud FIGUEIREDO, 2005, p. 125).

Assim, novamente emerge o pensamento de Antonio Cândido, dizendo do contato com a literatura como direito do indivíduo, não apenas obedecendo a leis educacionais e propostas pedagógicas governamentais, deve exigir um elenco de obras em que subjazem os saberes essenciais para a vida do aluno num universo social que se apresenta cada vez mais diverso e múltiplo e que se (re) fazem no e pelo fazer esttico, num movimento dialógico constante.

Há necessidade de se voltar a ateno para outro aspecto fronteiro: o espaço de interlocuo narrador/leitor, pois o texto pode ou não ser autobiográfico, pode ou não o lugar do sujeito narrador estar do lado erudito da cultura. O fato  que, na ambiguidade desses entre-lugares de onde a voz narradora se faz ouvir, podem ser estabelecidos diálogos enriquecedores no e pelo fazer literário com a adolescência da contemporaneidade, sendo que o mundo atual se desenha pelo incessante conflito de lugares ainda não delimitados pelo mosaico cultural construído por incertezas e embates de geraes, pensamentos e interesses de toda ordem.

Para o enfoque comparatista, observar se as tradues de obras para o público juvenil foram feitas diretamente da língua de origem da obra ou a partir de uma traduo, ou mesmo de uma mesma

língua para culturas diferentes, observe-se o caso da Comunidade de Países de Língua Portuguesa. O comparatista deve ficar atento a essas questões, principalmente no caso da literatura produzida para os jovens, já que nos caminhos percorridos pela tradução há atalhos e pontos onde elementos culturais vão alterando a representação artística daquela primeira realidade, ou mesmo encontrando dificuldades de se mostrarem com plenitude para o leitor de outra cultura.

No caso específico da produção literária para os jovens, há que se notar a sobreposição de questões culturais e pedagógicas amalgamadas nas textualidades, já que grande parte das obras é direcionada para a escola e com objetivos outros que não o puramente artístico. Perceba-se que as obras destinadas às livrarias comerciais possuem mais liberdade de tradução e, em consequência, conseguem trazer de modo mais direto questões talvez mais polêmicas, já que o filtro pedagógico não se faz presente com tanta intensidade.

Por outro lado, já se comentou sobre a quantidade de títulos lançados para os jovens, muitos com qualidade literária e projetos gráficos bem trabalhados e de vanguarda. Mas, em meio a esses lançamentos que deveriam ser inseridos entre as obras rotuladas como literatura (sem os adjetivos que indicam o seu receptor), há uma série de livros produzidos com objetivos marcadamente comerciais para atender a conteúdos e propostas escolares, seja quanto ao tema, seja quanto ao gênero que supostamente representam de maneira mais didática.

Para que a literatura continue sendo mais um componente curricular e simples apoio desvinculado totalmente da vida do jovem, a inserção da leitura literária e da literatura nesse universo deve trazer a possibilidade de o indivíduo conhecer e interagir de maneira mais autônoma com um mundo construído de linguagem, não apenas decorar textos, seguir padrões e reproduzir conteúdos, às vezes, muito distantes de seu mundo e de suas relações humanas.

Se os jovens de hoje estão imersos no universo das tecnologias de informação e há uma série de produtos produzidos pelo jovem que são sucesso em eventos literários, há urgência de se voltar a atenção para essa nova maneira de se produzir literatura; nova em razão do narrador e em razão dos suportes utilizados.

Para que os jovens percebam a teia de discursos onde se molda o texto literário, a utilização dessas tecnologias pode ser boa aliada, promovendo atividades de construção de blogs e páginas em redes de relacionamento, por exemplo, para que sejam socializadas produções e discussões sobre obras; sendo que tal iniciativa pode produzir experiências enriquecedoras.

Percebe-se que mais importante do que trocar receitas prontas sobre como pensar a literatura sob esta ou aquela fundamentação, é conceber a literatura como um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial–social-cultural, pois o texto literário traz ao seu leitor a experiência de um indivíduo imerso numa determinada cultura de um grupo social específico que, num determinado momento traduz uma ou várias questões dessa relação (re)criada por um fazer estético que também tem relação com o momento histórico dessa sociedade da qual o texto emerge e com a qual procura dialogar.

Para que se adote essa postura, é de suma importância a valorização das relações existentes entre literatura, história e cultura, visto que nenhum texto, principalmente o literário, surge do nada, pelo contrário, ele é uma parte de um diálogo maior promovido nos mais diferentes conflitos da vida social. Entendida desse modo, a literatura configura-se como um importante documento para a com-

preensão de relações culturais e de conflitos sociais que, por este ou aquele motivo, foram apagados de textos responsáveis pelo saber histórico, sociológico ou antropológico.

CONCLUSÃO

Essa necessidade de um olhar diferenciado para o ensino de literatura e para a abordagem da literatura para crianças e jovens no espaço escolar pressupõe outra postura para a literatura, não apenas como um bloco de textos circunscritos numa linha temporal, mas numa concepção mais ampla e dinâmica, em que se volta a atenção para as características que inserem um determinado texto no âmbito de outras produções artísticas com a linguagem, desse modo, é importante que se volte a atenção para a literatura propriamente dita e a prática de leitura.

Tão, para que se olhe a literatura dessa maneira, é preciso uma revisão da importância estética, política e principalmente cultural da literatura para os jovens, também pressupõe outra postura para a literatura, não apenas como um bloco de textos circunscritos numa rígida e aparentemente imutável linha temporal, mas numa concepção mais ampla e dinâmica, em que se percebem as características capazes de inscrever determinado texto no âmbito de outras produções artísticas. Desse modo, é importante que se perceba a literatura como representação simbólico-imaginária das relações sociais.

Se a escolha das obras literárias para o jovem deve ter como parâmetro as representações estéticas do universo cultural onde o leitor assume seu protagonismo, para o comparatista talvez o que se impõe, no mundo de hoje, seja perceber novas configurações estéticas, novos suportes e novas realidades leitoras e não a simples comparação automática com cânones de outras épocas com o objetivo de construir outros.

Então, os critérios para escolha de obras que farão parte de atividades de leitura literária devem se voltar para um elenco de obras em que subjazem os saberes essenciais para a vida desse jovem, sujeito de um universo social que se apresenta cada vez mais múltiplo, no bojo de uma sociedade que se (re) faz no e pelo fazer estético, num movimento dialógico constante.

LITERATURE FOR YOUNG PEOPLE, COMPARATIVISM AND CULTURE

Abstract: *this text intends to reflect the adolescence as cultural conception and product of a capitalist society, as well as the literature produced for this public and its insertion in the school. In this way, we intend to discuss the translation of works classified as literature for young people and their contribution to cultural exchanges between different societies in values and ways of representing their imaginary.*

Keywords: *Literature for young people. Adolescence. Comparativism. Culture.*

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira; MARTHA, Alice Áurea Penteadó. *Literatura Infantil e juvenil: leituras plurais*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

MELO E SOUZA, Antonio Cândido. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

- MELO E SOUZA, Antonio Cândido. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2010.
- CECCANTINI, João Luís; PEREIRA, Rony Farto (Orgs.). *Narrativas juvenis: outros modos de ler*. São Paulo: Edunesp; Assis, SP: ANEP, 2008.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Edunesp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens europeias ao Brasil contemporâneo*. Barueri, SP: Manole, 2010.
- FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005.
- GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- JOLLES, André. *As formas simples*. Tradução de Álvaro Cabral São Paulo: Cultrix, 1976.
- JOUBE, Vincent. *A leitura*. Tradução de Brigitte Hervor. São Paulo: Edunesp, 2002.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2009.
- MACHADO, Ana Maria. *Balaio: livros e leituras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 2007.
- RODRIGUES FILHO, Edison. *Jardim do céu*. São Paulo: Melhoramentos, 2010.
- SILVA, Márcia Cabral da. *Uma história da formação do leitor no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *As humanidades, os estudos culturais, o ensino da literatura e a política da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2010.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Tradução de Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *A leitura rarefeita: livro e leitura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991.